

## ESCÂNDALO NA BOÊMIA

· I ·

PARA SHERLOCK HOLMES, ela é sempre *a* mulher. Raras vezes o ouvi mencioná-la sob qualquer outro nome. A seus olhos, ela eclipsa e domina todo o sexo feminino. Não que ele sentisse por Irene Adler qualquer emoção do gênero do amor. Todas as emoções, e essa em particular, eram detestáveis à sua mente fria, precisa, mas admiravelmente equilibrada. Ele era, na minha opinião, a mais perfeita e observadora máquina de raciocinar que o mundo já viu; como amante, porém, teria metido os pés pelas mãos. Nunca falou das paixões mais ternas senão com certa zombaria e um sorriso de desdém. Esses sentimentos eram admiráveis para o observador — excelentes para revelar os motivos e as ações dos homens. Para o homem de raciocínio treinado, porém, admitir tais interferências em seu temperamento sensível, sutilmente equilibrado, era introduzir um fator de perturbação capaz de abalar todos os seus julgamentos. Areia num instrumento sensível, ou uma rachadura em suas potentes lupas, não causaria mais estorvo que uma emoção forte numa natureza como a sua. Apesar de tudo, para ele só existia uma mulher, e essa mulher era a falecida Irene Adler, de duvidosa e questionável memória.

Nos últimos tempos eu pouco vira Holmes. Meu casamento nos afastara. Minha felicidade completa e os interesses domésticos que envolvem o homem que pela primeira vez se vê senhor de sua casa eram suficientes para absorver toda a minha atenção. Enquanto isso, Holmes, que detestava toda forma de sociedade, com sua alma inteiramente boêmia, continuava lá, em nossos aposentos em Baker Street, enterrado entre seus livros antigos, e alternando, semana a semana, a cocaína com a ambição, o torpor da droga com a energia impetuosa de sua personalidade intensa. Continuava, como sempre, profundamente atraído pelo estudo do crime e dedicava suas portentosas faculdades e seus extraordinários poderes de observação a seguir pistas e desvendar mistérios abandonados como insolúveis pela polícia oficial. Vez por outra chegavam-me notícias vagas de seus feitos: do chamado que recebera para ir a Odessa no caso do assassinato de Trepoff, da solução que dera à singular tragédia dos irmãos Atkinson em Trincomalee e, por fim, da missão que levava a cabo de maneira tão delicada e bem-sucedida para a família reinante da Holanda. Mas, além dessas vagas notícias de sua atividade, que eu simplesmente partilhava com todos os leitores da imprensa diária, eu pouco sabia do meu velho amigo e companheiro.

Uma noite — foi no dia 20 de março de 1888 —, eu voltava de uma visita a um paciente (pois nessa altura já voltara a praticar a medicina privada), quando meu caminho me levou a percorrer Baker Street. Ao passar pela porta de que me lembrava tão bem, e que estará para sempre associada em minha

mente à época de meu namoro e aos lúgubres incidentes do *Um estudo em vermelho*, fui tomado por um intenso desejo de rever Holmes e saber como andava empregando seus extraordinários poderes. Seus aposentos estavam iluminados, e, ao olhar para cima, cheguei a ver sua figura alta, esguia, passar duas vezes numa silhueta escura contra a cortina. Ele andava de um lado para outro da sala, rápida e ansiosamente, a cabeça caída sobre o peito, as mãos cerradas às costas. Para mim, que conhecia todos os seus hábitos e suas disposições de ânimo, aquela atitude e maneira falavam por si mesmas. Ele voltara a trabalhar. Despertara de seus sonhos induzidos pela droga e farejava algum problema novo. Toquei a campainha e fui levado à sala que outrora fora em parte minha.

Suas maneiras não foram efusivas. Raramente eram, mas acho que ele ficou satisfeito em me ver. Sem dizer praticamente palavra, mas com um olhar afável, apontou-me uma poltrona, jogou-me sua caixa de charutos e indicou o *spirit case* e o sifão num canto. Em seguida postou-se diante da lareira e examinou-me meticulosamente, à sua singular maneira introspectiva.

“A vida conjugal lhe faz bem”, observou. “Acredito, Watson, que você ganhou uns três quilos e meio desde que o vi pela última vez.”

“Três”, respondi.

“Realmente, eu devia ter pensado um pouco mais. Só um pouquinho mais, acho eu, Watson. E pelo que observo, voltou a clinicar. Não me contou que pretendia voltar ao trabalho.”

“Então como sabe?”

“Vejo, deduzo isso. Como sei que você tem se molhado muito ultimamente e que tem uma criada das mais ineptas e desleixadas?”

“Meu caro Holmes”, exclamei, “isto é demais. Não tenho dúvida de que você teria ido parar na fogueira se tivesse vivido alguns séculos atrás. É verdade que andei pelo campo quinta-feira e voltei imundo para casa. Mas, como troquei de roupa, não posso atinar como deduziu isso. Quanto a Mary Jane, ela é incorrigível e minha mulher já a despediu. Mas também nesse caso não entendo como descobriu.”

Ele riu de si para si, esfregando as mãos longas e nervosas: “É a própria simplicidade. Meus olhos me dizem que no lado interno do seu sapato esquerdo, exatamente onde a luz do fogo incide, o couro está riscado por seis cortes quase paralelos. Obviamente foram causados por alguém que, com muito desleixo, raspou as bordas das solas para remover lama seca. Daí, como vê, minha dupla dedução de que você andara por aí sob um temporal dos diabos e tinha em casa um espécime particularmente incapaz de borra-botas da criadagem londrina. Quanto à clínica, se um cavalheiro entra pela minha sala adentro cheirando a iodofórmio, com uma mancha preta de nitrato de prata no indicador da mão direita e uma protuberância de um lado da cartola para mostrar onde escondeu o estetoscópio, eu teria de ser realmente um palerma se não o identificasse como um membro ativo da profissão médica.”

Não pude deixar de rir da facilidade com que explicava seu método de dedução. “Quando o ouço expor suas razões”, observei, “a coisa sempre me parece tão ridiculamente simples

que tenho a impressão de que eu próprio seria capaz de fazer o mesmo; mas o fato é que, a cada raciocínio seu, fico perplexo até você explicar seu procedimento. Apesar disso, acho que tenho olhos tão bons quanto os seus.”

“Naturalmente”, respondeu, acendendo um cigarro e jogando-se numa poltrona. “Você vê, mas não observa. A distinção é clara. Por exemplo, você viu muitas vezes os degraus que trazem do vestíbulo a esta sala.”

“Muitas.”

“Quantas?”

“Ora, algumas centenas de vezes.”

“Então quantos degraus são?”

“Quantos? Não sei.”

“É claro! Você não observou. Apesar de ter visto. Este é o xis da questão. Pois bem, eu sei que há dezessete degraus porque tanto vi quanto observei. A propósito, já que se interessa por esses probleminhas, e já que teve a gentileza de ser o cronista de uma ou duas de minhas insignificantes experiências, talvez se interesse por isto.”

Jogou-me uma folha de papel de carta espessa, rosada, que estava aberta sobre a mesa. “Chegou pelo último correio”, disse. “Leia em voz alta.”

O bilhete não era datado, não tinha assinatura nem endereço.

Hoje à noite, às quinze para as oito [dizia], irá à sua casa um cavalheiro que deseja consultá-lo sobre assunto da mais profunda importância. Os recentes serviços que o senhor prestou a uma das Casas Reais da Europa mostraram que é uma pessoa a quem se

podem confiar matérias cuja relevância dificilmente poderia ser exagerada. Esta avaliação do senhor de várias fontes recebemos. Esteja portanto em seus aposentos àquela hora e não leve a mal caso seu visitante esteja usando uma máscara.

“É mesmo um mistério”, observei. “Que imagina que significa?”

“Por ora não tenho nenhum dado. É um erro capital teorizar antes de ter dados. Insensivelmente, começa-se a distorcer fatos para ajustá-los a teorias, em vez de teorias para que se ajustem a fatos. Mas e o bilhete? Que deduz dele?”

Examinei cuidadosamente a letra e o papel em que estava escrito.

“O homem que a escreveu é presumivelmente abastado”, comentei, esforçando-me por imitar os métodos de meu companheiro. “Um papel como este não pode ter custado menos de meia coroa o maço. É peculiarmente forte e encorpado.”

“Peculiar... é a palavra exata”, observou Holmes. “Não se trata em absoluto de um papel inglês. Segure-o contra a luz.”

Obedecendo, vi um *E* grande com um *g* pequeno, um *P*, e um *G* grande com um *t* pequeno filigranados no papel.

“Isso lhe diz alguma coisa?” perguntou Holmes.

“O nome do fabricante, sem dúvida; ou, quem sabe, seu monograma.”

“Nada disso. O *G* com o *t* pequeno significam ‘*Gesellschaft*’, a palavra alemã para ‘Companhia’. É uma abreviatura usual, como o nosso ‘Cia.’. O *P*, é claro, significa ‘*Papier*’. Resta o *Eg*. Vejamos o que diz nosso *Continental Gazetteer*.” Tirou da estan-

te um pesado volume marrom. “Eglow, Eglonitz... achei, Egria. É uma região de língua alemã... na Boêmia, perto de Carlsbad. ‘Notável por ter sido o local da morte de Wallenstein e por suas muitas fábricas de vidro e de papel.’ Ha, ha, meu amigo, que lhe parece?” Com os olhos faiscando, exalou uma grande e triunfante nuvem azul de fumaça.

“O papel foi fabricado na Boêmia”, disse eu.

“Precisamente. E o homem que escreveu a carta é um alemão. Você notou a construção de frase peculiar: ‘Esta avaliação do senhor de várias fontes recebemos’? Um francês ou um russo não poderia ter escrito isso. É o alemão que é assim tão descortês com seus verbos. Resta apenas, portanto, descobrir que deseja esse alemão que escreve em papel boêmio e prefere usar uma máscara a mostrar o rosto. E, se não me engano, aí vem ele para desfazer todas as nossas dúvidas.”

Enquanto Holmes falava, ouviram o som vibrante de cascos de cavalo e o ruído de rodas raspando contra o meio-fio, seguidos por vigoroso puxão na campainha. Holmes deu um assobio.

“Uma parelha, pelo som”, disse. “Sim”, continuou, olhando pela janela. “Um elegante *brougham* e duas belezas de cavalos. Cento e cinquenta guinéus por cabeça. Há dinheiro neste caso, Watson, se não houver mais nada.”

“É melhor eu ir andando, Holmes.”

“Nada disso, doutor. Fique onde está. Sinto-me perdido sem meu Boswell. E isto promete ser interessante. Seria pena que perdesse.”

“Mas seu cliente...”